

**AJES- INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM “PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA INCLUSÃO
SOCIAL”**

9,5

[Verificar o Sumário.](#)

**O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA E A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ/MT**

Andreiadella_2013_@outlook.com

AUTORA: ANDREIA DELLA ROSA

ORIENTADORA: Profa. Ma. MARINA SILVEIRA LOPES

ARIPUANÃ/2012

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM “PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA INCLUSÃO
SOCIAL”**

**O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA E A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ/MT**

AUTOR: ANDRÉIA DELLA ROSA

ORIENTADORA: Profa. Ma. MARINA SILVEIRA LOPES

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia com ênfase na inclusão social”.

ARIPUANÃ /2012

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA-ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM “PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA INCLUSÃO
SOCIAL”**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA

Profa.Ma. MARINA SILVEIRA LOPES

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, por serem minha alegria.

Aos meus companheiros de curso por morarem no meu coração.

A todos os meus familiares e amigos, cujas experiências compartilhadas comigo resultaram em valiosas contribuições.

DEDICATÓRIA

A Deus por iluminando o meu caminho.

Obrigada Senhor Deus, por tudo.

EPIGRAFE

“ É uma procura, nada fácil, de organizar o trabalho, os tempos e espaço, os saberes, as experiências de socialização da maneira mais respeitosa para com as temporalidades do desenvolvimento humano” .

Miguel Arroyo (1999 p.12)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- MOMENTO DE FORMAÇÃO.....	25
FIGURA 02- ALUNO DO 4º ANO	27
FIGURA 03- GARANTIA DE TERMINALIDADE DOS ESTUDOS.....	28
FIGURA 04 – ATIVIDADES COM JOGOS.....	30
FIGURA 05 – AVALIAR A TODO MOMENTO	32
FIGURA 06 – MOMENTO DE LEITURA.....	33
FIGURA 07 – DRAMATIZAÇÃO.....	35
FIGURA 08 – ENSINANDO E APRENDENDO.....	36

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - IDADE E QUANTITATIVO DE ALUNOS POR SALA EM CADA CICLO.....24

RESUMO

Pretendemos, como esse trabalho contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica e a compreensão dos princípios norteadores da escola ciclada no Município de Aripuanã, Mato Grosso, bem como identificar os benefícios e os malefícios causados pela troca do ensino seriado pelo ensino ciclado. Como consequência do ensino seriado, podemos observar altos índices de repetência e evasão escolar, alcançando em 1997 um total de 34% de fracasso escolar, com base nesse fato o Estado de Mato Grosso assumiu o compromisso de mudanças profundas e uma destas é o ensino ciclado com o objetivo de reduzir os altos índices de fracasso escolar, substituindo por outros números menos agressivos, mas principalmente, para transformar a escola num ambiente propício a aprendizagem de todos, sem provocar baixas na autoestima, sentimento de desvalia e outros segregados pelos atos de classificar, reprovar e excluir as pessoas. Garantindo assim, o direito a todos à terminalidade dos estudos, sem nenhum preconceito e discriminação, objetivando assim um ensino pautado na qualidade.

Palavras chaves: Ensino ciclado, fracasso escolar, preconceito, terminalidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPITULO I: A ESCOLA CICLADA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO	10
1.1 Os Ciclos de Formação Humana.....	10
1.2. Proposta Político Pedagógica da Escolarização em Ciclos.....	13
1.3. Práticas Educativas de Boa Qualidade.....	19
CAPITULO II: O CICLO E A FORMAÇÃO CONTINUADA	21
2.1 Ciclos e Formação Continuada de Professores: Reflexões e Práticas.....	21
CAPITULO III: METODOLOGIA	24
CAPÍTULO IV : ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O ciclo de formação humana propõe uma formação cidadã, na qual os alunos podem participar das questões sociais de forma crítica e racional, passando a não mais aceitar as imposições que vem do poder. Sabe-se que os ciclos de formação humana foram elaborados com o intuito de redefinir tempo e espaço na educação, priorizando cada fase de desenvolvimento dos educandos.

Entende-se que hoje o processo de ensino aprendizagem é compartilhado por todos e que se estão em busca de um significado, mas os significados não podem ser doados ou dados devem ser descobertos. Assim, a organização em ciclos pressupõe uma avaliação mais diagnóstica, formativa, de forma a orientar o que fazer com os alunos, o que ensinar o que ensinar novamente, para que todos possam aprender o máximo.

Como o ciclo de formação humana não tem muito tempo de implantação em nosso estado é necessário que haja mais estudos sobre o caso, ouvindo principalmente as partes interessadas da sociedade.

O governo do Estado de Mato Grosso instituiu a Educação básica como prioridade, a partir dessa diretriz foi elaborado programas inovadores que pretendem romper com a cultura da evasão e reprovação escolar. Uma dessas ações é a proposta da Escola ciclada, ela traz consigo algumas mudanças significativas no Ensino fundamental, no entanto para podermos compreender melhor como funciona o ensino de ciclo nas escolas do Município de Aripuanã Mato Grosso iremos nos aprofundar um pouco mais sobre este tema.

A escola ciclada de Mato Grosso ao propor esta ação pretendeu colocar em prática a Pedagogia da Inclusão e empreender um novo fazer pedagógico, mediador da mudança e transformador da escola em espaço de alegria, saberes, imaginação e criatividade, porém o que esta acontecendo na realidade através do ensino de ciclo não é bem isto. É com a intenção de mostrar os benefícios e os malefícios do Ensino de Ciclo que esta monografia esta sendo construída.

Para colocar em prática esta proposta alguns questionamentos devem ser expostos como: Qual sua postura enquanto educador frente ao ensino de ciclo? Quais são os elementos das práticas pedagógicas que contribuem para o

desenvolvimento e a formação humana de boa qualidade dos educandos de Ciclo? Que tipo de processo de ensino-aprendizagem este currículo propõe?

Foi realizada uma pesquisa com cinco professores que atuam nas escolas municipais de Aripuanã MT, com o intuito de identificar possíveis benefícios e malefícios que o ensino de ciclo trouxe consigo bem como analisar e compreender como se dá o processo de ensino aprendizagem nas escolas cicladas, quais métodos e critérios são utilizados neste processo de avaliação pelos educadores os quais transferem crianças de um ciclo para o outro, identificando assim, quais são os critérios utilizados pelos educadores para realizarem as avaliações dos alunos no ciclo de formação humana, verificando como se dá a formação continuada dos profissionais envolvidos no ciclo de formação humana e entendendo como se dá o processo de ensino aprendizagem desenvolvido nas escolas por ciclos.

Esta monografia foi elaborada através de dados bibliográficos e pesquisa de campo e a mesma propõem uma análise do processo de avaliação do ensino aprendizagem desenvolvidas em escolas organizadas por ciclo de formação humana.

Os resultados aqui obtidos são interessantíssimos, pois a Escola organizada por ciclos defende uma avaliação diária do desenvolvimento do aluno. Faz-se necessário que os educadores estejam preparados para executar essas ações e que planejem aulas com as quais possibilitem aos alunos à aprendizagem, dando lhes a oportunidade de aprender a aprender.

A monografia esta estruturada da seguinte maneira: o primeiro capítulo falar-se a sobre a escola ciclada e o desenvolvimento humano e os ciclos de formação humana. No segundo capítulo será exposto a proposta político pedagógica da escolarização em ciclos: alguns aspectos, alguns elementos da pratica educativa de boa qualidade. No terceiro capítulo possibilitaremos uma leitura sobre o ciclo de formação continuada de professores: reflexões e práticas. No quarto capítulo buscaremos através da pesquisa de campo expor metodologias e analise da prática pedagógica através de opiniões de educadores sobre o ensino de ciclo. Em seguida a conclusão e os referenciais teóricos.

CAPITULO I

A ESCOLA CICLADA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Hoje, torna-se urgente pensarmos a educação escolar cada vez mais comprometida com a vida social e cultural, voltada para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e de posturas éticas perante o mundo e pela necessidade imperiosa que a atual conjuntura político econômica social tem colocado, exigindo um novo paradigma que atenda as necessidades reais da população, por esta razão algumas escolas do Estado de Mato Grosso adotou o ensino de ciclo.

1.1 Os ciclos de formação humana

A educação nada mais é que um processo de desenvolvimento das pessoas, iniciando com o convívio familiar e dando continuidade na escola. Toda criança quando chega à escola já possui um aprendizado e cabe aos educadores com técnicas científicas aperfeiçoarem esses conhecimentos, construindo e desenvolvendo o senso crítico dos alunos.

Nos Parâmetros Educacionais desde o ano de 2000, no Estado de Mato Grosso, começou-se a viver sob os novos paradigmas da educação: os Ciclos de Formação Humana, que vem constituir uma nova concepção de escola para o ensino fundamental e procuram alterar os tempos e espaços da instituição escolar. Para KRUG (2001), os ciclos foram elaborados com a intenção de tomar as questões da aprendizagem como um direito a cidadania. Dessa forma, os ciclos direcionam grande importância às fases de desenvolvimento das crianças, e assim, cada ciclo corresponde a uma determinada fase de desenvolvimento: infância (6 a 8 anos), pré-adolescência (9 a 11 anos) e adolescência (12 a 14 anos).

Sabe-se que há uma grande defasagem entre educação e desenvolvimento, e que a sociedade escolar está sendo prejudicada com as reformas que a educação vem sofrendo, e refletindo em indivíduos alienados.

O desenvolvimento educacional influencia no crescimento intelectual e econômico da sociedade e é preciso compreender as realidades sociais para que se

faça a construção do conhecimento voltado para o crescimento intelectual das crianças.

Ser alfabetizado não é somente saber ler e escrever, e sim saber desenvolver o conhecimento da interpretação, fazendo valer seus direitos, vivenciando em constantes transformações, e é dessa forma que SOARES (2004, p. 29) afirma:

Devemos ser mais compromissados com a construção de uma sociedade mais democrática, em que o exercício da cidadania seja plenamente garantido a todos, não assumir vigorosamente a reflexão sobre a alfabetização no quadro mais amplo de seu significado social, político, cultural, e de substrato ideológico, nossa atuação poderá continuar marcada pelo divórcio entre a alfabetização e a conquista de direitos sociais, civis e políticos entre alfabetização e cidadania.

Assim, cabe aos educadores desenvolverem métodos de alfabetização voltados para a realidade que a sociedade se encontra. A escola tem como objetivo desenvolver o aprendizado estimulando o desenvolvimento intelectual dos alunos, um processo que o aluno sozinho seria incapaz de realizar.

A organização curricular da Escola organizada por Ciclos foi planejada para diminuir as repetências e as evasões escolares, mas na opinião de MOLL (2004) o fato de haver tanta repetência e evasão escolar é porque as escolas não respeitam o tempo de cada criança, e as influências socioculturais contribuem para o processo das desistências.

Os ciclos são caminhos alternativos caracterizados pela possibilidade de subverter a ordem do que se encontra estruturado nas instituições escolares. A educação é planejada e aplicada com a metodologia igual para todos é como se não houvesse desigualdades sociais e culturais nas salas de aulas.

Para a Secretaria de Estado de Educação Mato Grosso (2001), o Projeto da Escola Ciclada tem como objetivo organizar grupos de crianças com idades próximas, possibilitando a socialização dos alunos, facilitando a construção das identidades. Afirma ainda que, crianças com a mesma idade ou próximas possuem as mesmas curiosidades, interesses, e seus desejos são semelhantes, pois estão passando pelo mesmo ciclo de vida.

Para promover o desenvolvimento da aprendizagem é necessário que respeitem a cultura e o ambiente que a criança pertence, a estrutura familiar também influencia muito na construção do saber. A capacidade de aprender de cada criança é uma ferramenta própria, o desenvolvimento intelectual está ligado à formação

cultural de cada sujeito. FREIRE (1981 p.38), afirma que “ser alfabetizado não é ser livre; é estar presente e ativo na luta pela reivindicação da própria voz, da própria história e do próprio futuro”.

É com base neste desenvolvimento da aprendizagem, que esta pesquisa será desenvolvida com intuito de analisar o ciclo de formação humana e a avaliação do ensino aprendizagem. Segundo ARROYO (1999), na organização da escola em Ciclos todo o trabalho educacional é norteado pelas idades da vida e da formação humana, desde o planejamento, a organização das atividades, os conhecimentos até a intervenção do educador no processo de ensino aprendizagem. ARROYO (1999) ressalta que a questão fundamental não é, em primeiro plano, o fluxo escolar, a reprovação ou o sistema seriado, mas que o essencial “é repensar a concepção e a prática de educação básica que estão presentes em nossa tradição e na estrutura seriada que as materializa” (ARROYO, 1999 p. 11). Dessa forma, os ciclos são estruturados nas temporalidades do desenvolvimento humano, entendendo a concepção de educação básica como “direito ao desenvolvimento humano, à realização humana”. (ARROYO, 1999 p.11).

Como uma forma diferente de pensar a escola, os Ciclos incitam a questões relacionadas não apenas à sua estruturação não seriada, mas principalmente à constituição das práticas pedagógicas do educador, do educando e de sua formação. Os Ciclos de formação humana são caminhos alternativos caracterizados pela possibilidade de subverter a ordem do que se encontra estruturado nas instituições escolares. “Trabalhar em um determinado ciclo de formação humana passa a ser eixo identitário dos profissionais da educação básica e de seu trabalho coletivo e individual” (ARROYO, 1999, p.21).

Daí, então, a preocupação em observar o fazer pedagógico dos docentes de uma escola ciclada, para uma análise da qualidade do ensino desenvolvido sob esta proposta. É necessário qualificar a qualidade, refletir sobre a significação que a reveste no interior da prática educativa. Ou seja, a palavra qualidade requer uma adjetivação: boa ou má.

ARROYO (1999) um ensino pautado na boa qualidade é aqui entendido dentro de uma perspectiva social e histórica, porque emerge de um contexto da realidade e, por isso, requer reflexão crítica da atividade docente que articula a dimensão técnica com as dimensões política e ética. Assim, não se trata de um

ensino-aprendizagem baseado apenas na socialização, mas na formação e no desenvolvimento humano.

Dessa forma, o objetivo é compreender a didática do professor que consegue desenvolver um ensino aprendizagem de excelente qualidade, relacionando dessa forma sua prática à proposta da escola em ciclo e identificando as aprendizagens que os mesmos promovem em uma sala de alfabetização. Assim, são abordados alguns aspectos da proposta em ciclos de uma rede municipal e apontados alguns elementos ou supostos da prática pedagógica do professor, que contribuem para uma boa qualidade do ensino-aprendizagem.

1. 2 Proposta Político - Pedagógica da Escolarização em Ciclos

Contra-pondo-se à escola seriada, que tem os conteúdos como determinantes das ações dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, como ponto central da ação pedagógica, na organização em ciclos de formação e desenvolvimento da escola, considera-se que o sujeito seja o centro de toda ação pedagógica; não são desconsiderados os conhecimentos sistematizados historicamente e o papel da formação, mas propõe-se que o currículo tenha “como cerne os valores que perpassam a lógica da ação humana e que constituem toda a prática cultural e educativa” (GOIÂNIA, 2006, p.51).

Ao repensar a organização escolar e possibilitar a construção de uma nova representação de escola, a escola organizada em ciclos de formação e desenvolvimento humano propõe “rupturas em relação ao modelo tradicional de se conceber a escola, a formação e a prática pedagógica” (FRIGOTTO, 2004, p.29).

De acordo com essa proposta, educar exige dos educadores novos compromissos com a ação pedagógica pautados em uma perspectiva de totalidade e de organização integrada entre o Projeto Político Pedagógico da escola, suas concepções teóricas, seus procedimentos e vivências. Juntos, estes elementos devem possibilitar a formação social e crítica dos educandos.

BARRETO e MITULIS (2001) consideram que os ciclos se ancoram em projetos políticos que se vinculam à autonomia das unidades escolares, a um currículo concebido de forma mais dinâmica e articulado às práticas sociais e ao mundo do trabalho, à formação continuada de professores, a um tempo regulamentar de trabalho coletivo na escola e à flexibilização das rotinas escolares.

Os ciclos de formação compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais e são organizados em blocos cuja duração varia, podendo atingir até a totalidade de anos prevista para um determinado nível de ensino. Representa assim, uma tentativa de superar a excessiva fragmentação do currículo que decorre do regime seriado durante o processo de escolarização. A ordenação do tempo escolar se faz em torno de unidades maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com sujeitos de diferentes procedências e estilos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de educação postas para o período (BARRETO & MITRULIS, 2000 p.33).

Segundo FREITAS (2004), os ciclos propõem alterar os tempos e os espaços da escola. Na proposta da Escola Plural, está claro que o tempo é contínuo e se identifica com o tempo de autor, a experiência de Belém (Pará) revela uma proposta que procura ter uma dimensão das finalidades educacionais relacionados com a concepção de homem enquanto sujeito-histórico. Ao refletir sobre a escola em ciclos, diz que “enquanto a seriação tende a favorecer uma concepção lógica - enciclopedista, a progressão continuada fica próxima a uma concepção prática ou instrumental e os ciclos aproximam-se mais de uma concepção cultural”. (FREITAS, 2004 p.47).

Sabe-se que a proposta de ciclos de formação está ligada à concepção de aprendizagem e desenvolvimento elaborada pela teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano, segundo a qual o ato de conhecer envolve várias funções psicológicas. De acordo com VYGOTSKY (1991), estas funções, chamadas por ele de funções psicológicas superiores, são a memória, a atenção volitiva, a percepção, a imaginação e o pensamento.

LIMA (2002), fundamentada na obra de VYGOTSKY (1991), afirma que o papel da escola, como instituição social, é viabilizar a socialização de informações e de instrumentos culturais levando em conta as peculiaridades do desenvolvimento biológico e cultural dos indivíduos em suas diversas fases do desenvolvimento humano.

Sabe-se que a organização do ensino em ciclos de formação e desenvolvimento humano tem por essência o compromisso com a formação e o desenvolvimento dos estudantes que, para além de aquisição de conhecimentos sistematizados, inclui as dimensões políticas, éticas, e socioculturais.

Um dos objetivos dos ciclos é garantir o direito do educando à sua formação integral, direito que se traduz na possibilidade de percorrer seu processo educativo escolar, de adquirir e construir conhecimentos e de desenvolver potencialidades

para interpretar a complexa realidade em que vive, ao assumir a condição de sujeito ativo e reflexivo. A concretização desse direito exige outra compreensão do que seja o processo de ensino-aprendizagem e de como ele se articula com a totalidade da formação humana. GOIÂNIA, (2006).

Para ARROYO (1999), se o que pretendemos é uma nova forma de organização escolar, devemos então inovar primeiramente em relação à forma de conceber a escola: não como algo que deva preparar o sujeito para pensar e agir, preparar o professor para o seu fazer pedagógico, para o ensino, para transmissão de informações, desqualificando a escola, pois, de sua função primordial, que é o trabalho pedagógico transformador da própria prática, que coloca o sujeito na aprendizagem de forma crítica e consciente. Assim, a articulação entre as dimensões; “instrutiva (saber sistematizado) e formativa (sócio – cultural – ético – política-cidadã) é fundamental nesta perspectiva de currículo, pois uma e outra não se dissociam” (GOIÂNIA, 2006 p.54). Então, a proposta Político-Pedagógica não se desfaz dos conhecimentos sistematizados. É na verdade mais um redimensionamento do que uma exclusão desses conhecimentos.

Com conhecimentos organizados, selecionados e construídos pelo coletivo de profissionais que compõem os ciclos. Não se trata mais de um pensar individual. Trata-se, agora, de compreender quem são os educandos, que tipo de trabalho atende suas necessidades e que tipo de sujeito se quer formar. Isso implica a necessidade de selecionar os conhecimentos sistematizados, tendo como princípio aquilo que é fundamental e necessário que se aprenda de acordo com cada fase do desenvolvimento humano e contextualizá-los historicamente. (FRIGOTTO, 2004). A organização por Ciclos de Formação Humana é uma forma de pensar e agir diferente de outras que não consideram o diálogo entre o educando, a vida e mundo.

Todo trabalho pedagógico parte do educando, o núcleo orientador de todo o processo educacional. Todavia, LIMA (2002) nos alerta para alguns equívocos

Está em ênfase o currículo formulado a partir das realidades regionais, partindo do conhecimento do aluno, ou com base no assim chamado conhecimento do cotidiano. É importante salientar segundo ARROYO (1999). que a diferença entre um currículo que parte do cotidiano e se esgota aí e a opção de fazer um currículo que engloba em si mesmo não apenas a aplicabilidade do conhecimento à realidade cotidiana vivida por cada grupo social, mas que considera com igual ênfase as formas culturais na ação do indivíduo. Dessa forma, se o coletivo não se

atentar para esta questão, o risco de um trabalho fadado ao fracasso será enorme, uma vez que não se alcançará o objetivo almejado por essa concepção de ensino-aprendizagem.

O trabalho pedagógico insere-se numa prática voltada para a formação integral do educando. Por isso, a escola está organizada em ciclos e não em etapas fragmentadas do conhecimento, buscando inovar percorrendo outros caminhos.

Nesse esforço de construção de novos caminhos é que se tem estimulado a busca de prazerosas experiências dos educandos com o saber elaborado socialmente e sistematizado. (FRIGOTTO, 2004). “É por essa organização e concepção de formação humana que a rede em ciclos opta por adotar Projetos de Trabalho como formas de organizar e trabalhar os conhecimentos, provocando uma redefinição dos tempos, dos espaços e dos processos educativos.” (FRIGOTTO, 2004, p.55).

Segundo HERNANDEZ (2004) o ensino através de projetos de trabalho enfatiza o aspecto globalizador com atenção à resolução de problemas significativos. Situações problematizadoras são levantadas pelo educador, introduzindo novas orientações e propiciando descobertas de novos caminhos, norteando os alunos na compreensão dos significados, onde são possibilitados a fazer análise global da realidade, com isso os educandos constituem os seus próprios procedimentos. Os alunos aprendem o conceito de projeto para dar vida às suas ideias.

Trabalhar a pedagogia de projetos, tem que ter a visão da ressignificação desse espaço escolar, transformando o mesmo em um espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Esse trabalho traz uma nova perspectiva de se entender o processo ensino-aprendizagem. O aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos.

Organizar projetos é construir uma prática pedagógica centrada na formação global dos alunos. É uma atitude intencional, plano de trabalho, conjunto de tarefas que tendem a um progressivo envolvimento individual e social do aluno nas atividades empreendidas voluntariamente, por ele e pelo grupo, sob a coordenação de um professor.

Portanto, o projeto deve situar-se como uma proposta de intervenção pedagógica que dá à atividade de aprender um novo sentido, em que as

necessidades de aprendizagem afloram na tentativa de se resolver situações problemáticas.

Acredita-se que a proposta de trabalhar com projetos contempla os objetivos almejados dos ciclos, possibilitando a participação dos envolvidos “de forma que a construção do conhecimento não evidencia o sucesso ou fracasso do aluno, mas vê a possibilidade do sucesso de todos no processo”. (FRIGOTTO, 2004 p.53).

Faz-se necessário que a “pedagogia dos projetos” esteja agregada a esta visão ampla de construção do conhecimento, com objetivos bem definidos, projetos planejados, discutidos e refletidos por todo coletivo durante o processo, para que seja alcançado o que se pretende. As duas grandes dificuldades reveladas pelos professores que trabalham nesse contexto são o trabalho coletivo e o vínculo do projeto, ou seja, a relação do conhecimento sistematizado, as diferentes disciplinas curriculares e as atividades práticas. (FRIGOTTO, 2004).

Segundo VASCONCELLOS (2002 p.65), a transformação radical que as escolas em ciclos propõem é substancialmente a forma de avaliar: “A rigor, a concepção de avaliação formativa (diagnóstica, emancipatória, dialética, libertadora, dialógica) permanece, o ciclo radicaliza e coroa esta concepção (na medida em que a livra da necessidade de ter de classificar e reprovar)”.

Também HOFFMANN (2004), nas reflexões sobre os princípios básicos da avaliação, sugere outra orientação e uma reeducação do olhar, ressaltando:

Os estudos em avaliação deixam para trás o caminho das verdades absolutas, dos critérios objetivos, das medidas padronizadas e das estatísticas para alertar o sentido essencial dos atos avaliativos de interpretação de valor sobre o objeto da avaliação, de um agir consciente e reflexivo frente às situações avaliativas e de exercício do diálogo entre os envolvidos.

Conforme HOFFMANN (2004), a função e as formas de avaliar, devem ser consideradas instrumentos utilizados não apenas como fim, mas como meio de buscar soluções de possíveis problemas apresentados no ensino-aprendizagem. Estabelecendo princípios sobre uma avaliação a serviço da ação, HOFFMANN (2004 p.25) diz que esta seria a primeira “contraposição entre uma concepção classificatória de avaliação, de julgamento de resultados, e a concepção de avaliação mediadora, de ação pedagógica reflexiva”.

Esse princípio é o mais importante de todos para se compreender as novas tendências, porque altera, radicalmente, a finalidade da avaliação em relação às

práticas classificatórias, seja da aprendizagem do aluno, seja de um currículo ou programa. É fundamental frisar esse ponto: mudanças essenciais em avaliação dizem respeito à finalidade dos procedimentos avaliativos e não, em primeiro plano, à mudança de tais procedimentos. (HOFFMANN, 2004)

Também para a autora, “O ciclo de formação e outras formas de regime não seriados surgem, na contemporaneidade, como alternativa para a problemática decorrente do regime seriado, um grande número de estudantes evadidos e /ou repetentes”. HOFFMANN (2004 p.26). E enfatiza que a maioria desses estudantes está nas escolas públicas.

Igualmente, outros autores como LUDKE E MEDIANO (1992) questionam a avaliação com uma função primordial de controle e poder: Diante desse fato, surge a questão: faz sentido um sistema seriado numa escola básica, em que se pretende que o aluno vá num processo crescente de construção de um conhecimento básico que lhe permitirá viver na sociedade como um cidadão participante.

De fato, há uma proposta Político-Pedagógica que se vincula não apenas às questões sociais dos educandos, mas também às questões do desenvolvimento humano e do ensino-aprendizagem. Porém, a literatura sobre os ciclos tem direcionado suas críticas às suas práticas por interpretá-las como as que contemplam apenas o social. E, a partir desse contexto, questionamos quais são as práticas pedagógicas que contribuem para um processo de ensino-aprendizagem de boa qualidade nos ciclos. LUDKE E MEDIANO (1992).

1.3 Práticas Educativas de Boa Qualidade

O tema proposto neste trabalho sobre os Ciclos de Formação e desenvolvimento Humano tem suas origens na observação do cotidiano e na reflexão sobre a prática educativa. Sabemos que ao longo dos anos trabalhados no ensino fundamental, vários fenômenos contribuíram para levantamento de questões do tipo: o real papel do professor na educação escolar, as práticas educativas que contribuem para um ensino aprendizagem de excelência, a operacionalização do currículo, entre outras questões que se relacionam ou interferem no processo ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário um olhar mais profundo sobre as práticas educativas, partindo de observações sobre fenômenos aparentemente normais, sobre coisas

que acontecem todos os dias, meses, anos e até décadas. Às vezes, aquilo que nos é tão óbvio passa despercebido porque não se ajusta o olhar a esses tipos de fenômenos, mesmo quando estão a todo o momento incomodando rotinas, perturbando práticas e impedindo avanços.

Segundo MATO GROSSO (2001,p.20) é importante acreditarmos que é possível avançar

De uma escola com uma longa e cruel história de fracasso e exclusão, supostamente neutra, que presta serviços indistintamente, para uma escola comprometida politicamente com a população de baixa renda, tornando-se bem sucedida e de natureza inclusiva”.

A educação especial possui quatro objetivos específicos, que são: respeitar a dignidade da pessoa; direito a oportunidades; direito a liberdade de aprender e ser diferente; direito a felicidade. Partindo desses quatro objetivos, temos clareza da necessidade de oportunizar a inclusão, no qual há diferença entre as pessoas, ou seja, a sociedade é para todos, sendo assim equiparam-se as oportunidades, sendo esses os aspectos necessários para obtermos o sucesso no processo inclusivo

Com relação às atividades de sala de aula, o professor deve flexibilizar suas práticas educativas, ou seja, proporcionar ao educando acesso ao currículo, ou seja, o professor deve conhecer estratégias de ensino que possibilitem a participação e a construção do conhecimento coletivo.

Ainda de acordo com MATO GROSSO (2001) devemos avançar de uma “escola que produz analfabetos funcionais, para uma escola que visa a formação do cidadão que demonstra, no cotidiano, depois da escolaridade obrigatória, competências e comportamentos alfabetizados”(p.21).

Em uma instituição escolar, é imprescindível que essa interação esteja respaldada em outros aspectos, como: conhecer como o ser humano aprende e como cada sujeito aprende. Em estudo realizado com crianças cursando o primeiro ano letivo do ensino fundamental sobre as suas expectativas em relação à escola, a maioria respondeu que frequentava a escola para aprender a ler e a escrever.

A criança tem a sua representação de escola definida como *lócus* de aprendizagem. Essa interação entre o professor e o aluno deve pautar-se em uma postura ética e coerente com as questões escolares. O educando é um ser de direito

em sala de aula e o professor deve interagir com ele de forma respeitosa, não negando o que ele tem garantido em lei.

A construção de práticas pedagógicas educativas demanda, sem dúvida, certo tempo e paciência pedagógica, mas precisamos compreender que essa construção se dá no exercício da própria prática docente, no interior da escola, onde são forjadas nossas representações sobre essa instituição e sua função social. Ainda de acordo com MATO GROSSO (2001) devemos avançar “de uma escola que espera aprender para poder fazer, para uma escola na qual se aprende fazendo” (p.21).

Devemos sempre utilizar práticas educativas de boa qualidade, a fim de proporcionar as crianças momentos de descontração e prazer no aprender e o professor deve ser o mediador e facilitador dessa aprendizagem.

CAPITULO II

O CICLO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

A alternativa pedagógica que o Estado de Mato Grosso adotou que é o ensino de ciclo possibilita espaço e tempo para se estabelecer relações interpessoal, realizar a observação do ritmo característico de cada educando, o seu conhecimento prévio e o percurso de sua aprendizagem, esta é uma estratégia para eliminar a evasão escolar e a repetência, mas para uma ampla reorganização estrutural-administrativa e pedagógica capaz de propiciar a qualidade na educação, mas para que isso realmente seja possível é necessário que o Educador receba uma boa formação continuada que proporcione o trabalho com diferentes metodologias para garantir o direito da criança a uma educação de qualidade.

2.1 Ciclos e formação continuada de professores: reflexões e práticas

Segundo MAINARDES (1998), as experiências que aconteceram em todo o país entre o final dos anos 60 e início dos 80, em alguns estados brasileiros mostram que a promoção automática não foi acompanhada das condições necessárias para o seu êxito, agravando, ainda mais, os problemas existentes, ao invés de solucioná-los.

Alguns desafios são apontados por MAINARDES (1998) como sendo responsáveis pelo sucesso da implementação de tal proposta de organização do ensino. O primeiro desafio diz respeito ao atual contexto educacional brasileiro, no qual a organização da escolaridade em ciclos ou experiências de progressão continuada não pode ser implantada enquanto medidas isoladas, devido à necessidade de formulação, nas redes de ensino, de um projeto educacional amplo e consistente, com a definição de princípios pedagógicos, definição de um currículo comum, investimentos na formação contínua dos professores e no fortalecimento da escola, (MAINARDES, 1998).

O segundo desafio seria que “ao desestruturar ‘positivamente’ o sistema seriado convencional, a organização em ciclos exige maiores investimentos

financeiros e, também, ações mais unificadas para garantir as condições adequadas para sua efetivação...” (MAINARDES, 1998 p.45).

O último desafio refere-se à necessidade de adesão dos profissionais da educação à reorganização do ensino em ciclos. Esta adesão torna-se um elemento chave para que realmente seja implementada tal proposta, na medida em que “os profissionais da educação, em especial a classe docente, são elementos centrais para o êxito de projetos e programas educacionais, pois são eles que, efetivamente, os colocam em prática” (MAINARDES, 2001, p.46).

Para que esse último desafio seja superado, é necessária, não só, a ampla participação dos profissionais na formulação, na adequação e na avaliação da proposta educacional a ser implementada, como também, a formação continuada dos professores, incluindo, discussões sobre: o projeto educacional, os modos de trabalhar, as práticas avaliativas; enfim, sobre as experiências que são vividas cotidianamente na escola.

Nesse contexto de mudanças na política educacional, no início dos anos 80, surgiu o Ciclo Básico de Alfabetização – CBA como uma medida democratizante do ensino. Essa organização do ensino surgiu como medida inicial no sentido de reorganizar a escola pública, pela eliminação da reprovação no final da 1ª série, pela ampliação do período de alfabetização e pela mudança do enfoque da avaliação, que passou a centrar-se no processo de aprendizagem e a oportunizar estudos complementares para os alunos que tinham dificuldades. (LUDKE E MEDIANO, 1992).

Por anos a fio muitas iniciativas foram tomadas por gestores das redes de ensino com o objetivo de estender os ciclos ao longo de todo o ensino fundamental e até mesmo no ensino médio. A nova LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem a organização da escolaridade em ciclos. Entre as mudanças apresentadas pela LDB 9394/96, além de incluir a possibilidade de organização do ensino fundamental em ciclos é proposta a implementação do regime de progressão continuada para as escolas que utilizavam a progressão regular por série. Como descrito no artigo 32, parágrafos 1º e 2º da Lei 9394/96

§1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos. §2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

Na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, entre 1979 e 1984, adotou-se o 'Bloco Único 7', instituiu a passagem automática dos alunos da 1ª para a 2ª série, como estratégia para assegurar a permanência e mais tempo do aluno na escola, de modo que ele pudesse completar a sua alfabetização.

Na rede municipal de ensino, em 1991/1992, também foi implementado o 'Bloco Único 8', apresentando propósitos semelhantes aos do CBA quanto à flexibilização do tempo de aprendizagem dos alunos. Mas nesse caso, o Bloco Único rompeu com o intervalo de 7 a 14 anos de idade, consolidada pela Lei 5.692/71 como faixa da escolarização obrigatória, e incorporou as crianças de 6 anos à classe de alfabetização.

Tal qual o Ciclo de Formação não havia retenção. Somente no último ano a criança poderia ser submetida há um ano de estudo complementar capaz de propiciar o domínio dos objetivos tidos como essenciais, tendo em vista que a aprovação/retenção pressupunha a existência de séries, as quais foram abolidas na época.

A Resolução 684, de 18 de abril de 2000, institucionalizou o regimento de ciclos, considerando a LDB 9.394/96 e estabelecendo as diretrizes para a avaliação do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, a rede de ensino tem nova forma de organização do tempo e do espaço escolar no lugar da seriação que fragmenta e não permite a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. A proposta inicial era que gradativamente seriam implantados quatro ciclos em todo o ensino fundamental, incluindo a classe de alfabetização (como no Bloco Único). O primeiro ciclo seria composto por três anos e os três ciclos restantes seriam compostos por dois anos cada, porém, a realidade é a informada no quadro 1. Sabe-se ainda que as escolas possuem números maiores que o informado neste quadro, mesmo tendo em sala alunos portadores de necessidades especiais.

Quadro 01: Idade e quantitativo de alunos por sala em cada ciclo.

Ciclo	Idade	Qtd. De alunos
1º Ciclo	6 – 8 anos	20 a 23 alunos
2º Ciclo	9 – 11 anos	23 a 27 alunos
3º Ciclo	12 – 14 ano	27 a 30 alunos

Fonte: Estado de Mato Grosso ,2001

Como assinala PERRENOUD (2000), o que podemos verificar, efetivamente, na implementação de uma nova proposta de organização curricular, é que as representações, as práticas e as culturas profissionais não mudam por decreto. Mais que isso, um processo de implementação de uma nova concepção de organização curricular precisa envolver os professores, toda a escola, desde a sua fase de elaboração até a formulação de um programa de formação continuada capaz de responder aos novos desafios da realidade escolar.

Daí, a importância da figura do professor na construção desse processo. “A mudança, para ser desenvolvida dentro da escola, precisa ser concretizada antes pelo professor. Não podendo a mesma ser imposta por decreto ou resolução” (ALMEIDA, 2002, p. 40).

O que percebemos é que seja Ciclo Básico de Alfabetização ou Ciclo de Formação, o foco central se coloca, como o grande nó, na alfabetização e na avaliação. De alguma forma, todas as propostas tentam reverter o quadro do elevado índice de repetência, evasão, distorção/defasagem idade-série, presente nos anos iniciais do ensino fundamental.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Esta monografia foi elaborada através de levantamentos bibliográficos, pesquisa via internet, revistas e uma pesquisa de campo. Foi realizada uma entrevista com cinco professores que atuam nas escolas municipais de Aripuanã MT em turmas de primeiro ao quinto ano, com o intuito de identificar possíveis benefícios e malefícios que o ensino de ciclo trouxe consigo bem como analisar e compreender como se dá o processo de ensino aprendizagem nas escolas cicladas, quais métodos e critérios são utilizados neste processo de avaliação pelos educadores os quais transferem crianças de um ciclo para o outro, identificando assim, quais são os critérios utilizados pelos educadores para realizarem as avaliações dos alunos no ciclo de formação humana, verificando como se dá a formação continuada dos profissionais envolvidos no ciclo de formação humana e entendendo como se dá o processo de ensino aprendizagem desenvolvido nas escolas por ciclos.

Foi elaborado um questionário semiestruturado contendo oito questões, onde foi possível identificar se o ensino de ciclo no Município tem tido resultados positivos ou negativos com relação ao professor e aluno e educação de qualidade. Para confirmar o que os professores relataram no questionário foi tirado algumas fotografias e estas serão expostas juntamente com as respostas dos educadores. Esta pesquisa aconteceu durante os meses de abril, maio e junho do ano de dois mil e treze com entrevista e observação em algumas escolas do Município.

Fui a campo duas vezes na semana para registrar o que os professores relataram no questionário, observou-se cadernos dos alunos, atividades sem realizar, metodologias que o professor está utilizando para fazer com que os alunos se interessem pela aprendizagem, foi tirado algumas fotos para registro e no entanto se pode observar que realmente alunos chegam ao 5º ano sem ao menos saber ler e escrever devido a alguns fatores como: déficit de atenção, famílias desestruturadas, falta de preparação do educador para trabalhar a alfabetização, falta de metodologias e de atividades lúdicas entre outras.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para colocar em prática esta proposta alguns questionamentos devem ser expostos como : Como se deu o processo de formação continuada dos professores que estão atuando nos ciclos? Para o professor J.C “Não recebemos nenhuma preparação para atuar no Ensino de ciclo”. Segundo o professor P.T “Jogaram esse problema pra nós e não nos prepararam para trabalhar com o ciclo”, a professora S.M “A grande verdade é que não estamos preparados para trabalhar com o ciclo em Aripuanã, os alunos passam de ano sem saber nada e assim é o sistema”, a professora W.S relata que “Não recebemos formação continuada para podermos trabalhar de maneira a facilitar para a prática de aprendizagem, acho até interessante esse método, porém não estamos preparados” E o professor F.D afirma que “Seria interessante recebermos uma formação que nos preparasse para o ensino de ciclo, visto que não recebermos nenhuma esse sistema foi implantado como outros e cabe a nós educadores adaptar-se a eles”.

De acordo com os professores entrevistados o que faltou na elaboração da proposta do Ensino ciclado adotado no Município de Aripuanã Mato Grosso foi simplesmente algo muito importante, ou seja, a formação continuada aos professores para que os mesmos pudessem estar preparados e não levar um choque com o sistema de somente reter alunos no final de cada ciclo, fazendo com que muitos alunos se desinteressassem pelos estudos, já que não há reprovação.

A figura 01 mostra um momento de formação continuada que esta dando certo no município onde educadores estão recebendo formação para aprender a alfabetizar letrando na idade certa.



Figura 01: Momento de formação
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Este momento vem acontecendo desde março de dois mil e treze e recebe o nome de PACTO Alfabetização na idade certa onde professores estão recebendo capacitação para que todos os alunos sem exceção estejam alfabetizados aos oito anos de idade. Duas professoras do Município uma vez por mês vão até o pólo de Sinop receber capacitação e estas transmitem o que aprendem aos professores cursistas. No entanto percebe-se que se isto tivesse acontecido com o ensino ciclado acreditamos que muitos obstáculos não existiriam facilitando o trabalho do professor.

Você enquanto educador e mediador do conhecimento qual é o ponto negativo da escola ciclada? Para o professor J.C “Acredito que o ponto negativo é ter que passar alunos que não tem conhecimento e também não esta nem ai para aprender, pois sabem que só podem ser retidos no final do ciclo e isso dificulta muito o trabalho do educador” Segundo o professor P.T “Os alunos sabem que só podemos reter os mesmos no final do ciclo então ficam zoando com a nossa cara o tempo todo dificultando assim sua aprendizagem e também dos demais colegas que querem aprender”.De acordo com a professora S.M “Sou professora das series iniciais e também das series finais e observo os professores das series finais falando mal do trabalho dos professores das series iniciais, mas o que não sabem é que o

que podemos fazer quando o aluno não se interessa pelo estudo e sabe que o sistema o favorece? Trabalho de maneira lúdica e mesmo assim encontro algumas dificuldades, a meu ver o ensino de ciclo favorece o aluno que não quer aprender ”

A professora W.S relata que “Esse método é interessante tem pontos positivos e também pontos negativos uma das maiores críticas à escola ciclada é, a meu ver, um dos maiores argumentos ao seu favor, ou seja, se alguns alunos têm chegado à determinada etapa da sua escolarização sem terem sequer o domínio da língua portuguesa, como noticiou recentemente a Revista Isto É, isso deve ser enfrentado e corrigido sim, mas a novidade é que esse aluno chegou a essa determinada escolaridade, antes, no seriado, não seria possível, pois estaria evadido do sistema escolar através de sucessivas reprovações. Cabe ao professor oferecer subsídios que favoreçam a sua aprendizagem e trabalhar de maneira prazerosa facilitando assim a aprendizagem dos mesmos”.

E o professor F.D afirma que “O ponto negativo seria ter que passar alunos que não tem domínio da linguagem”.

Percebe-se que um dos maiores desafios do ensino ciclado é a falta de motivação dos professores, visto que este ciclo proporciona algumas vantagens aos alunos como a reprovação somente no final de cada ciclo. Para que esse ensino de certo em Aripuanã MT os educadores devem sofrer uma transformação radical em relação a suas atitudes. Observe atentamente a figura a seguir:

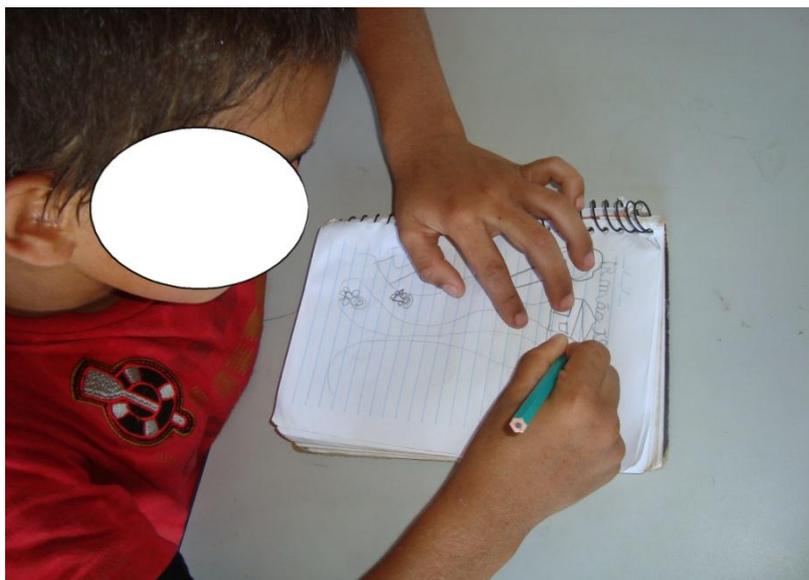


Figura 02: Aluno do 4º ano
Fonte: ROSA, A.DELLA, 2013.

Este momento, vide figura 02, este aluno esta no quarto ano e ainda não consegue escrever palavras, somente desenha falta estímulo da família e do próprio aluno, visto que o mesmo tem muitas dificuldades na aprendizagem, mas cabe ao professor propiciar a este aluno momentos de descontração e prazer e quem sabe aprender a ensinar através de jogos pedagógicos seja uma solução para esse grande problema.

Qual o ponto positivo do ensino de ciclo?

Para o professor J.C “O ponto positivo é reduzir os índices do fracasso escolar, substituindo por outros números não agressivos, mas, principalmente, para transformar a escola num espaço propicio a aprendizagem de todos, sem provocar baixas na auto – estima sentimento de desvalia e outros sentimentos gerados pelos atos de classificar, reprovar e excluir pessoas”.

Segundo o professor P.T “É necessário criar condições concretas para que as mudanças ocorram e alcancem a melhoria na qualidade de ensino”

De acordo com a professora S.M “O ponto positivo é a eliminação da reprovação no primeiro ano de escolaridade e contribuindo para a permanência de crianças em idade escolar no sistema de ensino, garantindo assim a implementação de uma política educacional de inclusão social”

A professora W.S relata que “O objetivo maior do ensino de ciclo é garantir aos educandos o direito constitucional a continuidade e terminalidade dos estudos escolares, esse é dos pontos relevantes para o ensino de ciclo, porém pensa – se que os educadores devem estar mais bem preparados”

E o professor F.D afirma que “A mudança da escola seriada para a escola ciclada justifica-se pela necessidade imperiosa que a atual conjuntura político-econômico-social tem colocado, exigindo um novo paradigma de escola e educação que atenda as reais necessidades da população, contemplando as novas relações entre desenvolvimento e democracia. Infelizmente, a permanência dos elevados índices de insucesso escolar tem levado a sociedade a desacreditar na escola e a ver com naturalidade a retenção e a exclusão de alguns alunos, principalmente de camadas populares, até mesmo entre professores não é pequeno o número dos que concordam que a educação escolar seja seletiva e não acessível a todos os cidadãos brasileiros”.

Percebe-se que os professores entrevistados não conseguem responder claramente os pontos positivos do ensino ciclado, somente o professor J.C relata

que é a eliminação da reprovação, os demais relatam sobre as leis vigentes e a criação de ambientes propícios para essa educação pautada na qualidade que esta somente no papel. A possibilidade de mudança esta em cada um de nós , tomemos a decisão de transformar a situação, seja um professor criativo, mediador e facilitador da aprendizagem, buscando uma melhoria na educação.



Figura 03: Garantia de terminalidade dos estudos
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Este momento, vide figura 03, nos mostra que o objetivo maior do sistema de ciclos é garantir aos educandos o direito constitucional a continuidade e a terminalidade dos estudos escolares. Estes alunos estão trabalhando em grupo, facilitando assim sua aprendizagem bem como os preparando para o convívio social, onde existem vários desafios que podem ser solucionados desde que sejamos uma equipe.

Que conteúdos poderão ser trabalhados para auxiliá-los em seu dia a dia?

Para o professor J.C “Os conteúdos a serem trabalhados tem de ser dinâmicos e prazerosos instigando o aluno a aprender a aprender”.

Segundo o professor P.T “Não importa o conteúdo e sim a metodologia utilizada para que o mesmo favoreça a aprendizagem dos educandos”.

De acordo com a professora S.M “Tem que ser conteúdos que contemplem a realidade do educando e proporcione o prazer de aprender com o professor”

A professora W.S relata que “A escola ciclada esta baseada na dimensão formativa, na diversidade de ações pedagógicas como condições necessárias ao aprimoramento do trabalho educativo para atender as características e

necessidades dos educandos, provocando no educador a busca de instaurar na sua prática novos métodos e estilos de ensinar, fazer escolhas e tomar decisões, visando adequar seu esquema de trabalho as características próprias dos alunos, no sentido de instigá-los para o conhecimento. Não importa o conteúdo a ser trabalhado e sim o método a ser utilizado”

E o professor F.D afirma que “Conteúdos interessantes que fazem parte da realidade dos mesmos e também devem ser trabalhados de maneira lúdica facilitando assim a aprendizagem e a aquisição do conhecimento dos mesmos”.

Todos os professores entrevistados ressaltaram a importância da ludicidade em toda etapa escolar, visto que a criatividade só pode acontecer em condições favoráveis. É importante ressaltar que todo indivíduo esta em constante aprendizado e este aprendizado só poderá ocorrer se o ambiente for propício e adequado ao seu desenvolvimento. É importante que o professor ofereça aos alunos espaços adequados, materiais interessantes e que através do lúdico possa contribuir para o enriquecimento da aprendizagem dos seus alunos, a brincadeira faz se presente e é a atividade principal e mais efetiva para o crescimento intelectual, motor, social e afetivo, neste sentido vejamos a figura 04 a seguir:



Figura 04: Atividades com jogos
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Observando a figura 04 podemos verificar que a criança realmente aprende brincando. Sem dúvida, é no momento que o lúdico se faz presente que percebemos como este é um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas. Jogando e brincando, a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação, tais como a afetividade, a concentração, a

cooperação, a coordenação, o equilíbrio e outras habilidades psicomotoras, e cabe ao professor propiciar momentos prazerosos e interessantes para facilitar a aprendizagem dos mesmos.

Que maneiras você utiliza para avaliar a sua prática e a dos meus alunos?

Para o professor J.C “Configura-se a avaliação como uma prática de investigação do processo educacional, como um meio de transformação da realidade escolar; cabe a cada educador com base na observação, na análise, na reflexão crítica sobre a realidade fazer uma auto avaliação de sua prática e tentar melhorá-la da melhor maneira possível, facilitando assim a aprendizagem dos educandos”.

Segundo o professor P.T “Avaliar o contexto escolar extrapola a apreciação do desempenho dos alunos, que deve ser analisado criticamente de modo relacionado com o desempenho do professor e as condições da instituição escolar, com base na realidade no aluno. Para que isso seja realmente possível é necessário construir-se uma prática sistemática de avaliação dos diversos sujeitos e componentes da organização, como a atuação do professor e a de outros profissionais; os conteúdos e processos de ensino; as condições, dinâmicas e relações de trabalho; os recursos físicos e materiais disponíveis; a articulação da escola com a comunidade e até a própria sistemática de avaliação; bem como, implementar a avaliação institucional, tendo o projeto pedagógico da instituição como referência”.

De acordo com a professora S.M “Sobre a avaliação da aprendizagem do aluno, é ressaltada sua dimensão formativa, direcionada a diagnosticar e estimular o avanço do conhecimento. Portanto, seus resultados devem servir para orientação da aprendizagem, cumprindo uma finalidade eminentemente educacional, rompendo-se com a falsa dicotomia entre ensino e avaliação e com relação a auto avaliação do professor ele deve buscar sim, pois a educação só será possível quando conseguirmos enxergar nossos erros e trabalhar em cima deles em prol de um bem maior que é a educação pautada na qualidade”.

A professora W.S relata que “A avaliação escolar possibilita a identificação das dificuldades, dos sucessos e fracassos, apoiando encaminhamentos e decisões sobre as ações necessárias, sejam elas de natureza pedagógica, administrativa ou estrutural, a mesma deve possibilitar ao professor fazer uma auto reflexão de sua

prática pedagógica para em cima dos problemas encontrados trabalharem propondo soluções”.

E o professor F.D afirma que “O modo como vem sendo vivenciada a avaliação tende a reiterar concepções e práticas há muito dominantes na escola e, desse modo, pouco tem contribuído para a construção de uma escola inclusiva, o que tenho visto é que se mudou do seriado para o ciclo, porém as finalidades e formas de avaliação pouco mudaram, mesmo que não se tenha como alvo a decisão de aprovação/reprovação dos alunos. Continua sendo um desafio tornar realidade uma prática avaliativa que se coloque a serviço da qualidade de ensino, que se volte à promoção da aprendizagem de *todos* os alunos; acredito que devemos nos auto avaliar para então podermos avaliar nossos alunos e também buscar metodologias diferenciadas para adquirir uma educação de qualidade a todos sem distinção de raça, cor ou religião entre outros”.

Com base nestes relatos percebe-se que os educadores investigados entendem que a escola tem que garantir o padrão de qualidade do ensino e possa ministrá-lo com igualdade de condições de acesso e permanência do aluno na escola; bem como a avaliação é vista por eles como um processo formativo, interativo e referencial, capaz de colocar informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, para estabelecer ações conjuntas, que visem ao desenvolvimento do aluno, levando-o a progredir e atingir novos patamares do conhecimento.

Nessa perspectiva afirmamos aqui que para garantir que uma medida potencialmente tão valiosa para assegurar a democratização do ensino, como a introdução dos ciclos, não se traduza em descompromisso com o processo de aprendizagem, é imprescindível se articular ao debate sobre a reorganização do ensino uma análise do papel e da função que vêm sendo desempenhados pelas instâncias governamentais em direção à reconstrução da escola pública, para além da análise dos condicionantes intraescolares. Ou seja, desde as diretrizes que norteiam as políticas educacionais, as condições propiciadas para apoiar uma reorganização do trabalho escolar demandam uma análise a fim de que se tenha uma visão compreensiva do movimento de reconstrução das bases que alicerçam o trabalho escolar e dos processos de adesão e resistência ao projeto de democratização da educação.



Imagem 05: Avaliar a todo momento.
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Este momento, vide figura 05, nos mostra uma maneira interessante de avaliar sem causar transtornos a criança, a mesma deve ser avaliada a todo momento até mesmo através de uma simples leitura, visto que a avaliação, ou seja a prova é sempre uma ameaça e muitas das vezes o aluno sabe, porém somente o fato de saber que é uma prova ele não consegue realizá-la, o professor tem que ter domínio e habilidades para propor diferentes maneiras de avaliar seu aluno, fazendo com que o mesmo se sinta integrante e parte do processo educacional e também valorizado por seu potencial.

Qual é a sua postura enquanto educador frente ao ensino de ciclo?

Para o professor J.C “Entendo o ensino de ciclo como outro qualquer, a equipe escolar deve procurar novos caminhos e estabelecer ações, para que todos tenham oportunidade de aprender, garantindo o direito do aluno a um ensino de qualidade e o cumprimento da função social da escola”.

Segundo o professor P.T “Temos o dever de ensinar e o aluno o dever de aprender por que não juntarmos os dois e aprendermos juntos sempre buscando o melhor para a aprendizagem do mesmo”

De acordo com a professora S.M “Trabalhar com o ensino de ciclo é um pouco difícil; porém não é impossível e cabe a cada educador buscar melhorar a sua prática pedagógica a cada novo dia para facilitar a aprendizagem e ser o mediador do conhecimento”.

A professora W.S relata que “é importante ter estratégias e enquanto educador ser o mediador e ao mesmo tempo facilitador da aprendizagem, ou seja, aprender a aprender”.

E o professor F.D afirma que “é importante ressaltar que o ensino de ciclo é dificultoso, mas devemos lembrar sempre a nossa função que é transferir conhecimento e buscar meios do aluno aprender de maneira prazerosa”.

Para os entrevistados o ensino ciclado traz vários desafios, mas todos se veem como educadores propostos a mudar e a ser o mediador e facilitador da aprendizagem, bem como, almejam a construção de uma escola de maior qualidade para todos, que ensine de fato, e que garanta realmente a população o direito a terminalidade de seus estudos.



Figura 06: Momento de leitura
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

De acordo com a figura 06 subentende-se que cabe ao educador oferecer às crianças os segredos que utilizam quando eles próprios leem. Isso deve ser feito na mesma forma como ocorre com outros conteúdos de ensino ou quando mostra como utilizar adequadamente um caderno ou traçar de forma correta as letras, o professor funciona como um especialista em leitura explicitando seu processo pessoal à turma, o que leva à compreensão do que está escrito: qual seu objetivo com aquela determinada leitura, que dúvidas surgem, que elementos toma do texto para tentar resolver suas questões. Vendo o que o professor faz para elaborar uma interpretação do texto, os estudantes entendem as chamadas estratégias de

compreensão leitora e passam a adotá-las, entendemos que o ensino para ser motivador deve ser permeado por desafios e problemáticas.

Quais atividades elaborar para prender a atenção do aluno?

Para o professor J.C “Atividades que permitam aos alunos uma reflexão maior, sendo assim, eles terão de pensar mais, o que os faz ficarem menos inquietos. Segundo o professor P.T “Atividades que sejam claras e que os façam refletir, que sejam sobre os conteúdos realmente estudados e que respeitem o perfil dos alunos (faixa etária, interesses, necessidades, etc), bem como a variedade de formulações das questões (tipos de perguntas)”.

De acordo com a professora S.M “Atividades de interação, abordando o cotidiano do aluno, troca de informações e tarefas em grupo”.

A professora W.S relata que “Atividades que façam com que o aluno interaja com os demais e ao mesmo tempo preste atenção às orientações do professor. Ele precisa se sentir parte da aula, como a lousa ou o próprio professor. E a aula deve fazer parte do mundo do mesmo”. E o professor F.D afirma que “Atividades de interação, utilizar jogos, brincadeiras, materiais alternativos e outros espaços além da sala de aula para o desenvolvimento das ações curriculares, através dos mais variados multimeios”

Na escola ciclada todos devem trabalhar em prol de um único objetivo a educação pautada na qualidade de ensino, buscando melhorias para a aprendizagem dos alunos. Os professores entrevistados afirmaram que através de jogos, brincadeiras, ludicidade, atividades que envolvam a socialização e interação entre os grupos facilitam e muito para prender a atenção do aluno e estimulá-lo na busca do conhecimento.



Figura 07: Dramatização
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Este momento vide figura 07, nos mostra momentos de descontração onde os alunos observam atentamente uma dramatização realizado pelo professor regente. Na educação, como na vida, há um processo dialético constante entre estabilidade e mudança, entre preservar ou modificar. Há períodos em que predomina a estabilidade, com determinadas normas ou modelos predominantes, em outros períodos há efervescência, inquietação, agitação, desconforto, experimentação, estamos em transição, entre os modelos estáveis, consolidados, e os novos, ainda em construção. As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectuais e emocionalmente, pessoas curiosas, criativas, inovadoras, entusiasmadas, abertas ao dialogo, motivadas, pessoas com as quais vale a pena estar em contato, porque dele saímos enriquecidos, pois recebemos estímulos do qual precisamos para se ter uma educação sem desigualdade e pautada na qualidade.

Qual a maneira mais eficaz de se conseguir admiração e respeito dos alunos?

Para o professor J.C “Quando você demonstra que tem competência na disciplina, e trata o aluno com carinho e atenção e o mesmo passam a se sentir parte integrante e um ser valorizado”.

Segundo o professor P.T “Quando se demonstra conhecimento sobre os conteúdos da disciplina com a qual trabalha, procura atender aos alunos em suas dúvidas e mantém a palavra naquilo que foi combinado”.

De acordo com a professora S.M “Ser maleável e tentar compreender o universo do estudante. Com certeza este é o primeiro passo para que se consiga ser admirado pelo mesmo, e o tratando de igual para igual, sem que ele possa pensar que você é mais do que ele”.

A professora W.S relata que “Ser disciplinada, responsável, firme e ao mesmo tempo atenciosa (não dispensando uma atenção carinhosa) verdadeira”.

E o professor F.D afirma que “Quando demonstramos ter domínio da disciplina e dos conteúdos a serem abordados adquiridos respeito e admiração dos nossos alunos, devemos respeitar a individualidade e o tempo de aprendizagem que cada um necessita para se desenvolver”.

Cabe ao professor de acordo com os entrevistados, buscar conteúdos novos e interessantes, ter domínio destes conteúdos e buscarem através do respeito e carinho a admiração dos alunos.



Figura 08: Ensinando e aprendendo
Fonte: ROSA, DELLA, A.2013.

Pela figura 08 podemos observar o compromisso que o educador tem em ensinar os alunos, através dos cartazes faz leitura com os mesmos buscando uma melhoria na aprendizagem. O compromisso anunciado nessas propostas é o de construção de uma escola de qualidade para todos, que supõe, essencialmente: o compromisso de seus integrantes com a permanência das crianças que nela ingressam e com o seu processo de desenvolvimento; a organização de um trabalho que viabilize e estimule a apropriação e a construção do conhecimento e a formação do sujeito social; o estabelecimento de relações de poder compartilhadas, privilegiando-se o trabalho coletivo e cooperativo entre os profissionais da escola, alunos e comunidade.

CONCLUSÃO

Sabemos que a organização do ensino em ciclos de formação e o desenvolvimento humano tem por essência o compromisso com a formação e o desenvolvimento dos alunos. Para além da mera aquisição de conhecimentos sistematizados, os Ciclos incluem as dimensões políticas, éticas e socioculturais.

Porém, nesse processo, é fundamental tanto a experiência socializadora que possibilitam a construção e reconstrução de saberes, valores e atitudes, quanto o processo de construção de conhecimento, desenvolvimento de conceito e da linguagem e estruturação do pensamento.

Esse processo de ensino aprendizagem é compartilhado por todos e que se estão em busca de um significado, mas os significados não podem ser doados ou dados devem ser descobertos. Assim, a organização em ciclos pressupõe uma avaliação mais diagnóstica, formativa, de forma a orientar o que fazer com os alunos, o que ensinar o que ensinar novamente, para que todos possam aprender o máximo. Como o ciclo de formação humana não tem muito tempo de implantação em nosso estado é necessário que haja mais estudos sobre o caso, ouvindo principalmente as partes interessadas da sociedade.

Quando a escola não separa o pensar do agir, o educador planeja e intervém na organização das ideias, na formulação de hipóteses e nas conclusões que os educandos constroem e reconstróem em suas vivências escolares. Sendo assim, para que a escola ciclada adote uma proposta pedagógica que privilegie não só as fases do desenvolvimento humano, mas que também evidencie a sua formação, é necessário que sejam identificadas e garantidas práticas que contribuam para a boa qualidade da aprendizagem formal destes educandos.

Dessa forma, é possível enfatizar que quando a criança freqüenta a escola (e por mais que possa atribuir seus sentimentos ao professor e à professora que muitas vezes se fazem mais presentes em sua vida do que os próprios pais), não espera ser vista apenas como “carente”, mas quer ser incluída em um grupo social que contribua para o seu desenvolvimento mental, para sua participação na sociedade em “pé de igualdade” com os outros sujeitos. Esta pesquisa propôs uma análise do processo de avaliação do ensino aprendizagem desenvolvida em escolas organizadas por ciclo de formação humana.

Com tantos questionamentos quanto ao ciclo de formação humana, escolheu-se uma escola estadual do município para que a pesquisa fosse desenvolvida, tendo como objetivo analisar e compreender como se dá o processo de ensino aprendizagem nas escolas cicladas, quais métodos e critérios são utilizados neste processo de avaliação pelos educadores os quais transferem crianças de um ciclo para o outro, identificando assim, quais são os critérios utilizados pelos educadores para realizarem as avaliações dos alunos no ciclo de formação humana.

Essa pesquisa constatou que o sistema de ensino do estado de Mato Grosso adota o ciclo de formação humana há quase onze anos, porém a aceitação do mesmo perante a comunidade de professores é baixíssima, pois a progressão automática de alunos que ainda não chegaram a aprender a ler, que não conseguem interpretar é grande e o sistema os auto promove por causa da idade dificultando assim o andamento da sala de aula.

Constatamos também que o número de alunos na sala de aula ultrapassam o que está no regulamento do conselho estadual de educação, visto que o sistema acaba aceitando uma vez que há demanda e que a escola não forneça varias turmas daquela fase ou que a cidade não esta preparada para aberturas de novas salas, uma vez que o processo burocrático é enorme, impedindo que a escola seja realmente autônoma, como tanto pregam.

Constatamos também que o ciclo de formação ao final de cada ciclo o conselho de professores devem fazer uma analise sobre os alunos, porém esse aluno não pode ficar retido mais que uma vez, pois o sistema já esta parametrizado para isso. Existem casos que o aluno não freqüenta a aula e é promovido de fase, por não alcançar os 25% de falta do qual ele tem direito, isso gera enormes revoltas nas escolas. Percebemos que muitos professores até gostam do ciclo, porém, dizem que é preciso fazer melhorias para que realmente a educação possa surtir efeitos, mas é preciso também que a família também faça sua parte cobrando o comparecimento dos filhos nas unidades escolares, verificando seu aprendizado e comparecendo a escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de (2002). Os professores diante das reformas educacionais: sujeitos ou meros executores? In: **Revista de Educação: Progressão continuada ou aprovação automática?, nº 13**. São Paulo: APEOESP. 2ª edição.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ARROYO, M. G. “**Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores. Educação e Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 143-162, 1999.

AZEVEDO, José Clóvis. **O papel da escola no processo de inclusão**. Anais do 7º. Seminário de Educação. Criciúma, Secretaria Municipal de Educação, 2000.

BARRETO, E. S. S. & MITRULIS, E. (1999). **Os ciclos escolares: elementos de uma trajetória**. In: Cadernos de Pesquisa, nº 108, p. 27-48. Campinas: Autores Associados.

BICUDO, Aparecida Viggiani. **A Escola e seus Alunos**. São Paulo: UNESP, 1995.

BONAMINO, Alicia, FRANCO, Creso & FERNANDES, Cristiano (2002). **O SAEB 2001: primeiras investigações**. Relatório I do Laboratório de Avaliação da Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

CANDAU, Vera Maria (2001). **Magistério: construção cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes 4ª edição.

FERNANDES, Cláudia & FRANCO, Creso (2001). Séries ou ciclos: o que acontece quando os professores escolhem? In: **FRANCO (org.) Avaliação, ciclos e promoção na educação**. Porto Alegre: Artmed.

FERNANDES, Cláudia (2000). **A promoção automática na década de 50: uma revisão bibliográfica na RBEP.** In: RBEP, v. 81, nº 197, p. 76-88. Brasília: INEP.

FRANCO, Creso & SZTAJN, Paola (2000). Educação em Ciências e Matemática :identidade e implicações para políticas de formação continuada de professores. **In: MOREIRA (org.) Currículo: políticas e práticas.** Campinas: Papirus. 2ª edição.

FREIRE, Paulo. Pesquisa Participante. **In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, Seriação e Avaliação: confronto de lógicas.** 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Proposta Político-pedagógica para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência.** SME Goiânia 2004.

FUSARI, José Cerchietalli (2002). As reformas educacionais: com a palavra os professores. **In: Revista de Educação: Progressão continuada ou aprovação automática?, nº 13.** São Paulo: APEOESP. 2ª edição.

FUSARI, José Cerchietalli (2002). Reformas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo: considerações críticas. **In: Revista de Educação: Progressão continuada ou aprovação automática?, nº 13.** São Paulo: APEOESP. 2ª edição.

KRUG, Andréa. A organização da escolaridade em ciclos: ainda um desafio para os sistemas de ensino. **In: FRANCO (org.) Avaliação, ciclos e promoção na educação.** Porto Alegre: Artmed.2005.

KRUG, Andréa. **Ciclos de Formação: uma proposta transformadora.** Porto Alegre: Mediação. 2001.

MAINARDES, Jefferson (1998). A promoção automática em questão: argumentos, implicações e possibilidades. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, nº **192**, p.16-29. Brasília: INEP.

MAINARDES, Jefferson (2001). A organização da escolaridade em ciclos: ainda um desafio para os sistemas de ensino. In: **FRANCO (org.) Avaliação, ciclos e promoção na educação**. Porto Alegre: Artmed.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Escola ciclada de mato grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer**. 2ª edição. Cuiabá: Seduc, 2001.

MOLL, Jaqueline (org.). **Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NÓVOA, Antônio (1992). Formação de professores e profissão docente. In: **NÓVOA (org.) Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PERRENOUD, Philippe (2000). **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed.

PERRENOUD, Philippe. **A prática Reflexiva no Ofício do Professor**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SANTOS, L. L. C. P. (1998). Dimensões pedagógicas e políticas da formação contínua. In: **VEIGA (org.) Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas: Papirus.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (1992). **Bloco Único: 1º segmento do 1º grau. Escolas Públicas do Município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (2000). **Fascículo 1 do Documento Preliminar do 1º Ciclo de Formação**. Rio de Janeiro.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (2000). **Resolução nº 684**. Rio de Janeiro.

SOARES, F. **Escola Eficaz: um estudo de caso em três escolas da rede pública do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, GAME/FAE/UFMG, 2002.

SZTAJN, Paola, BONAMINO, Alicia & FRANCO, Creso (2003). Formação docente nos surveys de avaliação educacional. **In: Cadernos de Pesquisa, nº 118**. Campinas: Autores Associados.